

# A terminologia do futebol em Moçambique: o caso dos neologismos na aula de língua portuguesa do ensino médio

## The football terminology in Mozambique: The case of neologisms in the Portuguese language class in high school

Alexandre António Timbane<sup>1</sup>

alextimbana@gmail.com

Universidade Federal de Goiás

Ezra Alberto Chambal Nhampoca<sup>2</sup>

ch\_ezra@yahoo.com.br

Universidade Federal de Santa Catarina

**RESUMO** - A pesquisa preenche uma lacuna metodológica no ensino do português no ensino médio em Moçambique. Questiona-se quais as metodologias possíveis para o ensino de neologismos em sala de aula. A pesquisa visa conhecer as metodologias usadas na pesquisa de neologismos no ensino médio em Moçambique. Especificamente, visa identificar os neologismos do futebol no Jornal *Notícias*; analisar os manuais de português em uso e explicar os métodos de trabalho com neologismos. Da pesquisa se concluiu que há preconceito com relação aos neologismos, por isso que os programas de ensino e os professores não discutem este tema. Concluiu-se que há necessidade de adoção de novos paradigmas metodológicos para a exploração destes conteúdos no ensino médio. Isto passa pela realização de atividades práticas que permitam a introdução de conceitos bem como a sua exploração em sala de aula. Esta consciência lexical permitirá que o aluno discuta e realize um trabalho aprofundado rumo à criação de um dicionário geral de moçambicanismos.

**Palavras-chave:** neologismos, ensino, língua portuguesa, futebol.

**ABSTRACT** - This research fills a methodological gap in the Portuguese teaching in High School in Mozambique. It questions possible methodologies for neologisms teaching in the classroom. The study aims to get to know the methodologies used in research on neologisms in High School in Mozambique. Specifically, it aims to identify the football neologisms in the *Notícias* newspaper; analyze the portuguese manuals in use and explain the working methods with neologisms. The research showed that there is prejudice against neologisms, which is why teaching programs and teachers do not deal with this subject. It was concluded that there is need to adopt new methodological paradigms to exploit content in High School. This can be achieved by practical activities that allow the introduction of concepts and their exploitation in the classroom. This lexical awareness will allow the student to discuss and perform a thorough work towards creating a general mozambicanisms dictionary.

**Keywords:** neologisms, education, Portuguese language, football.

*[...] desta forma, professor e aluno, em sua maioria, participam do jogo do parecer ser, mas não ser (= mentira)...*  
(Turazza, 1993, p.47).

### Considerações iniciais

Para nós professores é habitual pedirmos aos alunos para consultar certas “palavras difíceis” no dicionário após uma leitura silenciosa ou em voz alta de um texto literário ou não. Muitas vezes, depois de muitas horas de consulta, os alunos regressam à sala e afirmam que

não encontraram “tal palavra”. Alguns colegas ficam chateados e insistem, dizendo: “você não consultou bem. Procure de novo essa palavra!” E assim, é um vai e vem, sem solução, pois há palavras que não estão dicionarizadas embora sendo comumente usadas. Sabe-se que os contos, as poesias e outros textos literários que aparecem nos manuais escolares apresentam moçambicanismos. Entendemos por moçambicanismos “todas as palavras (neologismos e empréstimos) que são mais tipicamente usadas em Moçambique e que mostram e particularizam a regionalização léxico-semântica do Português de Mo-

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, 1120, Setor Universitário, 75704-020, Catalão, GO, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina. Campus Reitor João David Ferreira Lima, s/n, Trindade, 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil.

çambique” (Dias, 2002, p. 20). É no meio deste conceito que se levanta a questão ‘neologismo’ proveniente da literatura em sala de aula. Afinal, por que certas palavras são encontradas e outras não nos dicionários? Muitas vezes isso acontece porque o aluno não possui técnicas de consulta no dicionário; os dicionários são limitados, pois nenhum registra “todas” as palavras de uma língua; as palavras novas (neologismos) muitas vezes não estão registradas em dicionários, pelo fato de que o *corpus* utilizado não reflete a realidade sociolinguística da variedade em uso. Desta forma, se questiona quais as metodologias que podem ser exploradas para um trabalho com neologismos na aula de português. Avança-se a hipótese de que os neologismos não são relevantes em sala de aula; eles podem ser identificados apenas pela consulta no dicionário; e os neologismos viciam a língua e impedem o desenvolvimento de competências linguísticas da norma padrão.

A pesquisa tem como objetivo geral conhecer metodologias de trabalho com neologismos em sala de aula do ensino médio em Moçambique. Os objetivos específicos são: identificar neologismos do futebol no Jornal *Notícias*; analisar os manuais de Português em uso no ensino médio; explicar os métodos de trabalho com neologismos em sala de aula do ensino médio; e propor formas de trabalho/pesquisa com os alunos como forma de reduzir o preconceito do uso de neologismos na língua portuguesa. Para a coleta de dados, fez-se uma recolha dos neologismos mais frequentes, nas páginas esportivas do Jornal *Notícias*, o jornal público de maior circulação em Moçambique. O jornal consultado corresponde às edições de 2010. Um questionário composto por nove perguntas (do tipo abertas) foi distribuído a cinco professores de três escolas públicas da zona suburbana da Província de Maputo. Esse instrumento de coleta de dados teve por objetivo recolher sensibilidades sobre a metodologia de trabalho com neologismos em sala de aula.

Na primeira seção do presente artigo, discutiu-se os conflitos existentes entre a Língua Portuguesa (LP) e as diversas Línguas Bantu moçambicanas (LBm)<sup>3</sup> que convivem em contexto sociolinguístico complexo. Esta parte é importante porque dá um panorama geral sobre como a situação sociolinguística está organizada no contexto moçambicano. Na segunda seção, discutiram-se questões do ensino em Moçambique, organização do ensino médio e considerações gerais. Na terceira seção, debatem-se os conceitos de léxico, de neologismos e outros assuntos atuais sobre a matéria. Nesta parte, vincou-se os neologismos na fala dos jovens moçambicanos influenciados pelas novas tecnologias (*internet*

em especial), pela música e pela dança. Na quarta seção, apresentou-se a metodologia e análise dos dados. Nesta parte, sugeriram-se algumas metodologias possíveis de trabalhar em turmas numerosas, como é o caso das de Moçambique. O artigo termina com a apresentação de considerações finais e referências utilizadas.

## O conflito Língua Portuguesa e línguas bantu moçambicanas (LBm)

Moçambique é um país multilíngue e multicultural com características sociolinguísticas específicas, aspecto que cria uma identidade sociolinguística própria. O acervo linguístico de Moçambique é constituído por línguas de origem africana (bantu), europeia, asiática e de Médio Oriente, sendo as línguas de origem bantu a maioria e as mais faladas (Patel, 2006). Em Moçambique, fala-se línguas de origem europeia: o português, o francês, o espanhol o inglês, o alemão; línguas de origem asiática e do Médio Oriente: Mandarim, Urdu, Gujurati, Índi, Memane e recentemente o Mandarim; línguas de origem africana: as LBm e outras línguas bantu internacionais, como é o caso de ecizulu, swahili, shona. Dentre esta diversidade, apenas o Português é língua oficial, segundo a Constituição da República, Artigo 10 (Moçambique, 2004).

Estas línguas são faladas por cerca de 24 milhões de moçambicanos espalhados um pouco pelo país, mas com maior incidência nas zonas rurais. A maioria dos moçambicanos é bilíngue no contexto das LBm e, por vezes, trilingue, sobretudo dentro de um mesmo grupo linguístico (Patel, 2006). É importante referir que o português é a língua de prestígio, da justiça e da burocracia, deixando-se as mais de vinte LBm para situações de comunicação informais. O português é língua materna para pouco mais de 10,7% da população moçambicana, fenómeno resultante do planeamento e da política linguística implementados pelo Governo de Moçambique desde 1975, ano em que se alcançou a independência do país.

A adoção do Português como língua oficial no país remonta a 1962 quando foi criada a Frente de Libertação de Moçambique. A apropriação da língua do colonizador como oficial foi justificada por uma série de argumentos, sendo talvez o mais forte deles a identificação e diferenciação dos moçambicanos dos outros grupos nacionais na região. Esperava-se que o Português forjasse um novo Estado-Nação (Patel e Cavalcanti, 2013, p. 274).

Sobre esta questão, Ngunga e Bavo (2011) sustentam que a questão de uma política linguística que reservava um lugar privilegiado ao português já se adivinhava

<sup>3</sup> Grupo bantu é um conjunto de línguas com características comuns que se espalham desde a região central do continente africano até ao sul. Daí que existe em Moçambique, outras LB predominantes em países vizinhos e faladas principalmente nas zonas fronteiriças. Portanto, deixamos claro que estamos falando de línguas bantu moçambicanas. Aliás, existem LBm faladas nos países vizinhos.

durante a luta armada de libertação nacional, esta era tida como língua de unidade nacional. O conflito LBm e a língua oficial é visível, pois alguns moçambicanos pretendem preservar as suas línguas maternas. É importante referir que os contextos históricos não permitiram com que Moçambique tivesse crioulos. Outro aspecto está ligado ao preconceito com relação às LBm iniciado no período colonial em que estas eram designadas como “dialetos” ou “língua do cão” pelo sistema colonial, daí que alguns alfabetizados (assimilados) resistiam preconceituosamente ao uso das LBm.

Nas zonas rurais, ocorre o que se designa por “insucesso escolar em massa”, pois a língua de ensino (português) é diferente da língua falada em casa (LBm). Aliás, algumas crianças só falam português com o professor, pois seus parentes e os demais membros da família e da comunidade só falam as LBm. Face aos altos índices de insucesso escolar e da fraca qualidade de ensino, levantam-se debates acesos no seio de pedagogos e linguistas moçambicanos no sentido de se propor uma educação bilingue, principalmente no ensino primário como forma de integrar as crianças cuja língua materna é diferente do português. Estudos de Meneses (2013), Ngunga *et al.* (2010), Patel e Cavalcanti (2013), Abdula (2013), Timbane (2013b, 2015) entre outros apontam que a educação bilingue reduziria o preconceito com relação às LBm, aumentaria a autoestima dos alunos, reduziria as reprovações em massa, preservaria a identidade cultural das crianças e devolveria para o cidadão o Artigo 3, do nº 2 da Declaração Universal do Direito Linguístico que determina “o direito ao ensino da própria língua e da própria cultura”.

Dados comparativos de 1980, 1997 e 2007 (anos em que se realizaram os três censos da população e habitação), revelam que o número de falantes de português tende a crescer quando equiparado com falantes das LBm, fenômeno incentivado pela educação massiva, pelo deslocamento de populações das zonas rurais para as zonas urbanas e suburbanas, pelo prestígio e proteção que a língua oficial tem. Só para ilustrar, os falantes de português como língua materna passaram de 1,2% em 1980, para 6,5% em 1997 e depois 10,7% em 2007. Assim, as LBm prevalecem em 89,3% contra 10,7% de falantes em 2007. Tais dados nos mostram a resistência destas às investidas da língua oficial. Isso significa que Moçambique é um país bantófono sob ponto de vista linguístico real, sendo lusófono sob ponto de vista da política e do planejamento linguístico (Timbane, 2013b).

Ora, o convívio das línguas acima referidas no território moçambicano não é pacífico, pois as populações rurais ainda resistem à língua do colonizador e se distanciam dela cada vez mais. Por outro lado, os que se “aventuram” a aprender o português na escola enfrentam dificuldades ligadas às interferências das LBm no português, sofrem preconceito por parte dos políticos, dos

professores e dos programas elaborados. O Plano Curricular do Ensino Médio Geral em Moçambique preconiza o reconhecimento da

importância das línguas moçambicanas utilizando-as, oralmente e por escrito em diferentes contextos; Comunicar em línguas moçambicanas, oralmente e por escrito, em diferentes situações de comunicação; aplicar os conhecimentos da Língua Moçambicana na sua vertente escrita; Comunicar em línguas moçambicanas, oralmente e por escrito, em diferentes situações de comunicação (Moçambique, 2007, p. 21).

Mas esta ideia está “no papel” apenas, pois ainda não foi colocada em prática. Mesmo a introdução da educação bilingue no ensino primário ainda não logrou muitos sucessos, pior ainda seria a sua implementação no ensino médio. Aliás, a falta de professores, de gramáticas para o ensino, de manuais escolares, de literaturas escritas em LBm ainda são problemas visíveis. Portanto, fica a ideia apenas transcrita no Plano Curricular que, ao nosso ver, precisa de uma “coragem” e “vontade” políticas para implementar na prática e de forma séria, tal como sustenta Siteo (2015, p. 66-67), nos seguintes termos: “A educação bilingue é um projeto sério e único capaz de resolver os problemas pedagógicos de que hoje o sistema de educação em Moçambique enferma”. Como o foco da nossa pesquisa é o ensino médio, seria importante apresentar as considerações gerais.

### O ensino médio em Moçambique: considerações gerais

Nesta parte, demonstraremos a organização do ensino médio atual, os materiais didáticos de ensino, com particular enfoque para o livro de português. Veremos também algumas metodologias em uso nas escolas do ensino médio. Esta parte visa dar um panorama geral sobre como funciona o ensino médio moçambicano.

Em 1975, ano da independência nacional, Moçambique tinha 7% de cidadãos alfabetizados (Moçambique, 2009). Assim, o governo adotou medidas de massificação da educação. Dados de 2010 apontam para 56,1% da população alfabetizada. O número de alunos matriculados aumenta anualmente, mas existem outros entraves: falta de condições infraestruturais (salas de aula, carteiras, quadro) e recursos humanos qualificados; o ensino médio não é gratuito e os alunos têm dificuldades para comprar livros, e muitos pais não têm uma renda que lhes permite comprar materiais escolares, até porque a maioria são camponeses pacatos; desistências devido à distância escola-casa, casamentos prematuros pela falta de condições econômicas dos pais; falta de professores formados e motivados, o aumento do rácio aluno/professor que atinge 70 a 85 alunos por turma, entre outros. Este último assunto será abordado mais adiante. É importante agora sublinhar que as desistências no ensino médio em 2009 atingiram

2,7%, segundo Moçambique (2011, p. 130). As províncias que apresentam taxas elevadas de desistências, segundo Moçambique (2011) são as províncias de Manica, Sofala e Gaza com 13%, 7,4% e 6,8%, respectivamente.

Quando falamos em ensinar, logo entram em jogo três intervenientes principais, nomeadamente o aluno, os conteúdos e o professor. O primeiro não é uma tábua rasa, quer dizer, chega à escola com uma gama de conhecimentos e saberes que precisam ser sistematizados; o segundo constitui os fundamentos que permitem aos alunos dominar certas competências; e o terceiro é o mediador, quer dizer, aquele que facilita para que a aprendizagem seja feita numa direção previamente programada e objetivada. Na mediação se inclui,

o planeamento e desenvolvimento de situações de interação nas quais os conhecimentos sejam construídos; a proposição de aulas e outras atividades que coloquem o aluno em contato com o que aprende em sala de aula e o vivência na sua realidade; o acompanhamento e a orientação da reflexão dos alunos, procurando garantir a aprendizagem significativa e a retenção da mesma prática de seu uso em diferentes situações e circunstâncias (Selbach *et al.*, 2013, p. 51).

Deixamos claro que neste trabalho discute-se o ensino médio geral e não o ensino médio profissional, realizado nos Institutos médios de saúde, comerciais, industriais, agropecuárias, formação de professores, etc.

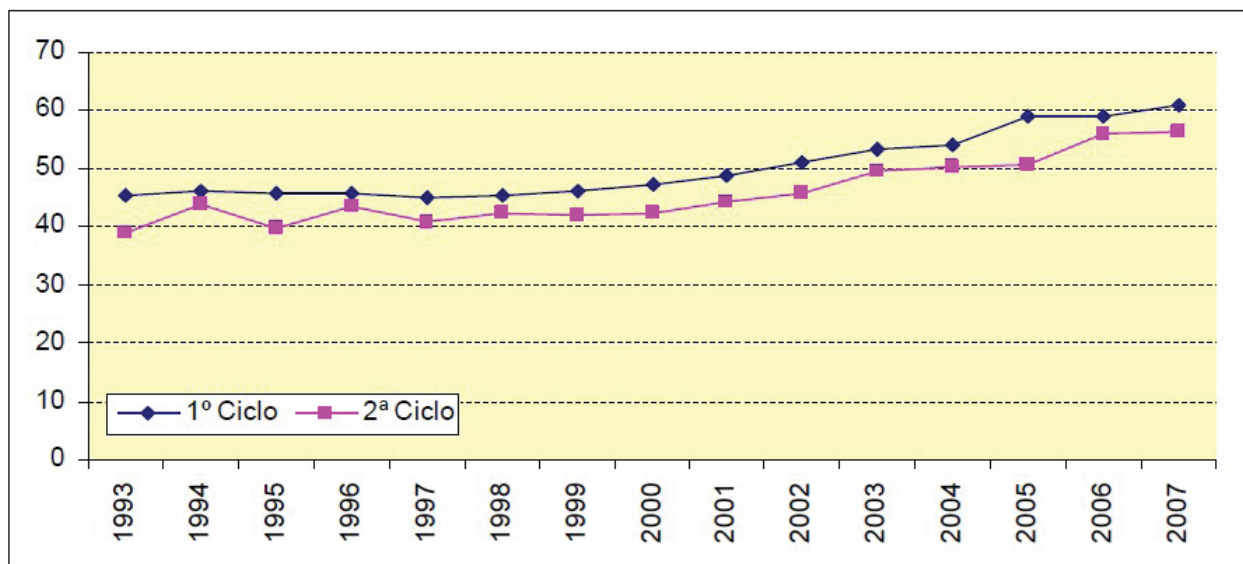
### Organização do ensino médio em Moçambique

O Ensino Secundário Geral (ESG) é formado por dois ciclos: (a) 1º ciclo: que corresponde a 8ª, 9ª e 10ª

classes; (b) 2º ciclo: que corresponde às 11ª e 12ª classes. Sabe-se que oficialmente o ensino normal inicia aos 6 anos de idade, o que significa que a criança/adolescente atingirá o ensino médio com 16 e 17 anos. O ensino médio dá a oportunidade ao aluno de escolher a área de saída, tal como veremos no Quadro 2. No ensino médio, o rácio alunos por turma tende a aumentar desde 1993 (cf. Gráfico 1).

Segundo Moçambique (2009, p. 20), “esta situação dificulta a gestão pedagógica e tem consequências para a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. A gestão de turmas tão numerosas é complexa, sobretudo para disciplinas que exigem trabalhos práticos, como é o caso das ciências naturais”. Mas o país não tem recursos para colmatar a situação de imediato. A consequência desta situação recai no aluno que repete de ano, surgem desmaios inexplicáveis de alunos, há professores que reclamam de barulho e desatenção dos alunos, para além de dificuldades para acompanhar e corrigir cerca de 85 provas por turma.

Os alunos do ensino médio permanecem na escola 5h30 por dia e têm 6 ou 8 aulas de 45min cada. Algumas aulas são tidas de manhã, se o horário normal é o período da tarde. Nessa parte, o aluno pode ter aulas de Educação Física, Empreendedorismo, Tecnologias de Informação e Comunicação, etc. Os alunos não têm lanche escolar. As escolas secundárias funcionam em três turnos: manhã, tarde e noite (noturno). O período noturno é reservado para o aluno que não conseguiu vaga no curso diurno, que possui idade mais avançada ou que desenvolve



**Gráfico 1.** Evolução do rácio alunos por turma de ensino no ESG.

**Graph 1.** Evolution of ratio student by class in high school (ESG).

Fonte: Moçambique (2009, p. 20).

**Quadro 1.** Plano curricular do ensino médio.**Chart 1.** High school curriculum.

Áreas	Disciplinas	Horas por disciplina		Nº horas 11ª-12ª classe	% de tempo
		11ª Classe	12ª Classe		
Tronco Comum (67,2%)	Português	5	5	10	16,4%
	Inglês	5	5	10	16,4%
	Filosofia	3	3	6	9,8%
	Matemática	3,5	3,5	7	11,5%
		3/4	3/4		
	TICs	2	2	4	6,6%
	Educação Física	2	2	4	6,6%
Opção A (Comunicação e Ciências Sociais (Escolhe 3 disciplinas) (10,9%))	História	3	3	6	
	Geografia	3	3	6	3,3%
	Artes Cênicas	2	2	4	
	Línguas Moçambicanas	3	3	6	3,3%
	Francês	4	4	8	4,4%
		5/3	5/3		
Opção B (Matemática e Ciências Naturais (Escolhe 3 disciplinas) (10,2%))	Geografia	3	3	6	
	Química	3	3	6	3,4%
	Física	3	3	6	3,4%
	Biologia	3	3	6	3,4%
Opção C (Artes Visuais e Cênicas (Escolhe 3 disciplinas) (10,5%))	Desenho e Geometria Descritiva	3	3	6	3,9%
	Artes Cênicas	3	2	5	3,3%
	Educação Visual	2	3	5	3,3%
Disciplinas Profissionalizantes (1,3%)	Noções de Empreendedorismo, Agropecuária, Introdução à Psico Pedagogia	1	1	2	1,3%
1,3%	Reunião de Turma	1	1	2	1,3%
Total				51	100%

Notas: TICs = Tecnologias de Informação e comunicação.

Fonte: Moçambique (2009, p. 49).

alguma atividade no período diurno, mas que deseja ser alfabetizado (Quadro 1).

O aluno do ensino médio em Moçambique precisa do tronco comum e depois escolhe uma opção (A, B ou C) para frequentar. Estas opções têm o seu perfil de saída

e entrada para o ensino superior. Das disciplinas arroladas no Quadro 1, só a das línguas moçambicanas é que não tem professores nem é ensinada na prática. O importante a referir é o esforço que têm sido feito ao nível do ensino superior, com a introdução de licenciaturas, mestrados e



doutoramentos em LBM principalmente na Universidade Eduardo Mondlane<sup>4</sup>.

O tempo de ensino de 16,4% é para português e inglês respectivamente dado que nos leva a concluir o fraco interesse por parte do Estado em ver os alunos desenvolverem habilidades em outras áreas científicas que impulsionam o desenvolvimento do país.

### Materiais didáticos

Como referimos anteriormente, os manuais escolares do ensino médio não são gratuitos. Os pais são incentivados a comprar o material escolar dos seus filhos, pois o governo não se responsabiliza por este nível de ensino. A maior parte dos livros é produzida por professores moçambicanos com apoio do Governo de Moçambique. Para o caso de português, nosso alvo de pesquisa, os livros têm as seguintes referências:

- MACIE, F. 2003. *Português: 11ª classe*. 1ª ed., Maputo, Pearson Moçambique.
- TIMBE, I.; SANSÃO, N. 2003. *Português: 12ª classe*. 1ª ed., Maputo, Longman.

Observando os conteúdos destes livros, não se observa nenhum conteúdo que discute as variedades do português (com particular enfoque no Português moçambicano), nem da criação de palavras por meio de neologismos, empréstimos e estrangeirismos, fato que ocorre com frequência no Português de Moçambique como resultado do contacto entre o Português e as diversas LBM e a entrada das novas tecnologias de informação e de comunicação. Camufla-se, assim, uma realidade evidente, pois ninguém fala português europeu num contexto sociolinguístico complexo como é o caso de Moçambique. Entende-se que a escola é o espaço propício para a discussão destes aspectos, e o aluno do ensino médio deve ter esta consciência léxico-linguística, fato que motivaria a criatividade lexical, semântica e estimularia a criatividade literária.

Um aspecto positivo é o fato de que os manuais foram elaborados por professores moçambicanos com experiência relevante no ensino. Para além disso, os textos que aparecem nos livros são de escritores moçambicanos. Nesta parte, critica-se a adaptação de alguns textos originais nos manuais escolares. Nessa adaptação faz-se uma “varredura” das marcas da variedade do português moçambicano do autor original bem como a presença de criações lexicais. São exemplos disso os textos de Mia Couto *O sonho do morto* (p. 65), de Paulina Chiziane *Fui uma rainha feliz* (p. 216-217) do livro da 11ª classe. Alguns textos extraídos dos jornais também sofreram adaptações passando, assim, de “documentos autênticos”

para “documentos fabricados” (Bérard, 1991), que são criticados veemente pela abordagem comunicativa de uma língua. Pesquisas de Timbane (2012, 2013c) em textos literários de autores moçambicanos mostraram claramente a presença de marcas linguísticas da variedade do português de Moçambique, fato que leva a concluir que a “varredura” de moçambicanismos é uma tentativa de camuflar esta variedade emergente e ao mesmo tempo reforçando-se a ideia de que a variedade do português mais correta é a Lisboaeta.

Analisando os dois manuais, observa-se uma diversidade de gêneros textuais (textos administrativos, jornalísticos, literários, multusos, científicos, etc) atitude que ajuda ao aluno do ensino médio a compreender os diferentes tipos de textos. A gama dos conteúdos da gramática é rica, e os livros apresentam sugestões de exercícios práticos (compreensão/interpretação dos textos, funcionamento da língua, produção escrita e oral). Entendemos que os exercícios sugeridos nos livros escolares não constituem de maneira alguma uma “receita inalterável”. A criatividade do professor permite com que possa trazer outros materiais em sala de aula para que sejam estudados, discutidos, explorados linguisticamente. A leitura das obras originais dos autores adaptados nos livros limita a visão do aluno com relação ao “todo” da obra. Se as bibliotecas das escolas tivessem pelo menos 20 de cada uma das obras (adaptadas) seria um bom início. Entrando mais a fundo, interessa-se compreender que metodologia é aplicada nas aulas de LP.

### Metodologia do ensino

Antes de mais nada, é necessário deixar claro que o português é aprendido como segunda língua para a maioria dos alunos do ensino médio. Sendo assim, “ao trabalhar a oralidade na sala de aula, é preciso respeitar a variedade de língua do aluno” (Gomes, 2011, p. 139). A metodologia do ensino de uma língua materna difere do ensino de uma segunda língua, de uma língua estrangeira ou ainda ensino de língua para fins específicos. Segundo Palma e Turazza (2014), existem várias pedagogias na educação linguística: pedagogia do oral, a pedagogia da leitura, a pedagogia da escrita, a pedagogia léxico-gramatical e a pedagogia da literatura. De todas estas pedagogias não existe a melhor, pois todas se complementam. Juntas criam competências comunicativas aos alunos, daí a necessidade de um trabalho profundo para o alcance dos objetivos.

Quanto ensino da língua portuguesa, seja em função da leitura, seja da escrita, do léxico ou da gramática, os subgêneros da crônica [...] possibilitam um trabalho com diferentes elementos linguísticos, todos necessários para o desenvolvimento

<sup>4</sup> Fundada a 21 de agosto de 1962 pelo Decreto-Lei nº 44530, a UEM é maior universidade pública de Moçambique, com mais de 36 mil estudantes de graduação e mais de 2 mil estudantes de pós-graduação.

da competência comunicativa dos estudantes [...] (Palma e Turazza, 2014, p. 58).

Essas competências comunicativas podem ser alcançadas através da realização de tarefas diversas em sala de aula. Exigem do professor uma dinâmica acrescida por forma a levar ao bom porto as competências previamente estabelecidas pelos Programas Curriculares e pela instituição. Portanto,

o papel do professor é bastante complicado nesse conflito, porque a sociedade, principalmente os pais dos alunos, cobra esse ensino da gramática através das regras, da mesma forma como eles foram ensinados, o que não significa que dominem a língua – a maioria com certeza, não (Gomes, 2011, p. 86).

O Plano curricular do ensino secundário geral defende que o currículo deve colocar “o aluno no centro do processo de ensino-aprendizagem, actuando como sujeito activo na busca de conhecimento e na construção da sua visão do mundo” (Moçambique, 2007, p. 15). Isso significa que a tarefa do professor deve ser de gestor apenas e não do executor. Nesta perspectiva, Palma e Turazza defendem que

o docente deverá ser um facilitador da aprendizagem, mediando a relação ativa do estudante com os conteúdos da disciplina e levando em consideração os conhecimentos prévios e as experiências que os aprendentes trazem para a sala de aula, nas suas potencialidades cognitivas, seus interesses, nas suas formas de pensar e de atuar (Palma e Turazza, 2014, p. 48).

Quando nos apercebemos de que o professor é um facilitador, e o aluno não é uma “tábua rasa”, saberemos aproveitar os conhecimentos que os alunos acumulam antes e durante do processo de ensino-aprendizagem para a consolidação dos conhecimentos programados pela escola.

### **Os neologismos chegaram à escola e se escondem em livros escolares: que fazer?**

Seria fácil responder que é só “fecharmos os olhos” e fazer de contas que não estamos vendo neologismos, pois este assunto é complexo, discutível e fere sensibilidades conservadoras dos que defendem o “bom português”. Neste artigo, procura-se “cutucar a cobra ou onça com vara curta mesmo”, pois há pouca literatura que desafia este debate no contexto da variedade do Português de Moçambique. Por isso que pretende-se contribuir para um trabalho mais aprofundado sobre neologismos nas aulas de português começando com o debate sobre os conceitos de: neologismo, o léxico e a terminologia como forma de elucidar a sua importância no ensino de uma língua e não só. Pretende-se dizer que não basta o conhecimento da gramática, sem o conhecimento da diversidade lexical, pois a falta de conhecimento do significado de uma unidade lexical pode bloquear a compreensão do sentido

de uma frase, de um período, de um parágrafo ou de um texto. Quando se fala em neologismos, não se pode imaginar que só ocorrem a nível lexical, mas também podem ocorrer a nível sintático, semântico, pragmático, fonético-fonológico, etc. Daí a necessidade de trazermos ao debate os conceitos básicos em sua volta.

### **Conceito de neologismo e debates atuais**

O léxico de uma língua não é estático, ele renova-se acompanhando as dinâmicas próprias das sociedades e, nesse processo, há unidades lexicais que deixam de ser usadas, enquanto outras são criadas (Alves, 2007). É a este último processo (o da criação de novas unidades lexicais) que se dá o nome de “neologia”, sendo o produto desse processo, isto é, as novas unidades lexicais, denominadas “neologismos”.

Uma vez que as línguas têm uma necessidade permanente de nomear e/ou designar novas realidades, elas irão, não poucas vezes, servir-se da criação neológica; a neologia é, portanto, uma das mais ricas e indispensáveis subáreas de uma das áreas da Linguística, a Lexicologia. O termo neologia apareceu em 1759 e significava a introdução ou o emprego de palavras novas úteis a uma língua a fim de a enriquecer (Mendes, 2000). Para Alves (2007), a neologia é o processo de criação lexical. Portanto, a neologia é um termo que designa o processo de criação de novas unidades lexicais, gerais ou terminológicas, pelo recurso consciente ou inconsciente, ao arsenal dos mecanismos de criatividade linguística habituais a uma língua (Mendes, 2000).

Correia e Almeida Barcellos (2012, p. 17) afirmam que tradicionalmente neologia é entendida como “a capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades lexicais novas, os neologismos” ou ainda como o “estudo (observação, registo, descrição e análise) dos neologismos que vão surgindo na língua”. Para Boulanger (2008), a palavra neologia provém do grego *neos* que significa “novo” e *logos* que significa “discurso”. Segundo o mesmo autor,

[a] construção de novas palavras se faz de três maneiras: pela combinação inédita dos morfemas, quer dizer a produção de significantes que não existiam no acervo lexical da língua no momento da sua criação; pela criação de um significado inédito, quer dizer, pela invenção de significados que não existiam no repertório no momento da criação; pelo recurso ao empréstimo de significado e significante numa língua estrangeira, quer dizer, a inserção de uma forma ou dum sentido que não era conhecido na língua que acolhe no momento da operação do empréstimo. (Boulanger, 2008, p. 186, tradução nossa).

Alves (2007) considera que o neologismo pode ser formado recorrendo-se a mecanismos da própria língua, ou por palavras provenientes de outros sistemas linguísticos. “Normalmente, os trabalhos de neologia são feitos com base em corpora dos meios de comunicação social: jor-

naís, revistas, emissões de rádio e/ou televisão” (Correia e Almeida Barcellos, 2012, p. 26). Estas autoras afirmam que isso ocorre principalmente por três razões, a primeira prende-se ao facto de os meios de comunicação, muitas vezes, objetivarem dar conta do que é novo, a novidade, a notícia; segunda, porque esses meios abordam temáticas diversificadas, havendo, deste modo, grande probabilidade de se encontrar neologismos; e a terceira é por serem textos de fácil acesso.

Depois de se constituir o corpus, designado corpus de extração, define-se um corpus de exclusão, ou seja, o conjunto de dados que será usado para verificar o “estatuto” neológico das unidades lexicais tidas como neológicas no corpus de extração. Para que uma unidade lexical passe a ser considerada neologismo não basta a sua ausência num corpus de exclusão, mas sim é necessário que haja o que Boulanger (2008) designa por “sentimento neológico”. Correia e Almeida Barcellos (2012) também fazem referência ao “sentimento neológico”, usando o termo sentimento de novidade. Elas afirmam que o sentimento de novidade é útil durante a extração de neologismos, sobretudo na extração manual, porém não é um critério que permite proceder a uma avaliação de dados neológicos, sendo por isso, sempre necessário aliá-lo ao critério lexicográfico e ao de instabilidade formal das unidades lexicais.

### **Os neologismos na fala dos alunos do ensino médio**

Na comunicação oral e escrita dos adolescentes do ensino médio, é frequente observar-se a entrada de novas palavras provenientes das novas tecnologias, das músicas, dos novos eventos ou acontecimentos, das línguas mais apreciadas entre outros. Muitos jovens não se apercebem das contribuições que trazem à língua para enriquecer e provocar manutenção.

Discutindo sobre os “[n]eologismos, política da língua e produção de textos”, Oliveira (2011, p. 169) classifica os neologismos em três grupos: (a) os bem ou mal sucedidos (b) os necessários e desnecessários e (c) os bem ou mal sucedidos. Segundo Oliveira, os “bem formados” são os que se alinham às regras de formação de palavras da língua; os “necessários” são os que não existem na língua alvo e que são necessários para fechar as lacunas e, finalmente, os “bem-sucedidos” são os que são aceites pelos usuários da língua. Em todos estes tipos, os jovens alunos do ensino médio têm uma contribuição importante. É através deles que o uso das palavras “mais-velho” (idoso), “altamente” (muito gostoso), “muita-carga” (legal, bom), deixa-sofrer (minissaia), “damo” (menino/ o jovem que corteja casamento), “estar off” (estar sem dinheiro) aumenta a frequência de uso (Timbane, 2013b).

São os alunos que criam e trazem para a escola para permitir a sua expansão. Não se pode esquecer

que os estrangeirismos e empréstimos aparecem muitas vezes no seio dos jovens do ensino médio e se espalham para diversos meios de comunicação. São exemplos de neologismos: *kota* (homem de idade superior), *soft* (bom, suave, ótimo), *team* (time, no PB), *tchopela* (mototaxi), *mahala* (gratuito), *ntchuva* (jogo tradicional) (Timbane, 2013b). Observa-se que o uso de neologismos em sala de aula causa problemas e reprovações, quer dizer, se o professor não conhece ou tolera esses neologismos em redações, exames parciais ou finais, em concursos, exames de admissão, etc. o aluno pode ficar prejudicado. Os neologismos podem ser formados por:

#### *(a) Sujeitos escolarizados*

Este grupo tem tendências a formar neologismos bem-sucedidos. Por exemplo: o uso da expressão “retrovisor externo” para se referir ao “espelho de fora”; “telefone chiando” ao invés de “linha interrompida” (Oliveira, 2011). No Português Moçambicano, ainda se podem levantar casos tais como “gazetar” que significa “matar a aula” no Português Brasileiro; “stor” para se referir ao “professor”; fiador para se referir ao “apontador”, no Português Brasileiro; a variação semântica do verbo “bater”, que significa: aplicar pancadas ou golpes, roubar, fazer sexo, esticar, pressionar com força, etc. “Subir o chapa” ou “apanhar o chapa” para se referir ao ato de “pegar ônibus privado”, no Português Brasileiro e assim por diante. Parece um assunto leve, mas é profundo, pois os professores já não são capazes de distinguir neologismos semânticos do Português Moçambicano de unidades lexicais do Português Europeu.

#### *(b) Sujeitos não ou pouco escolarizados*

Em muitos casos, a formação dos neologismos por parte deste grupo não tem nenhum cuidado nem faz alusão às regras da gramática. É desse grupo que aparecem muitos empréstimos.

Por exemplo, o uso da palavra “caloria” no sentido de “temperatura alta” (Oliveira, 2011).

É ainda importante referir que a entrada de novos termos é em muitos casos despercebido pelos falantes, e a sua integração ocorre de forma gradual e silenciosa. Os menos atentos podem pensar que a língua está estável enquanto não, pois toda língua viva está em constante mudança.

### **O conceito de terminologia e o futebol**

A escolha do esporte “futebol” para a pesquisa com jovens se deve ao fato de que este esporte é o mais difundido e mais conhecido no mundo e, em particular, no seio dos adolescentes moçambicanos. Entende-se que seria mais fácil trabalhar com aspectos mais conhecidos pelos alunos para melhor chegarmos ao objetivo principal, que é a identificação e análise do uso de neologismos em sala de aula. Começamos com o conceito de terminologia.



A neologia de língua está ligada à consciência coletiva de uma dada comunidade linguística, enquanto a neologia terminológica visa responder a necessidades precisas: novos conceitos, novos objetivos e está ligada a grupos de especialistas e a mecanismos de normalização (Cabré, 1993). A Terminologia, um ramo da Linguística que se ocupa do estudo dos termos específicos empregues num determinado domínio do saber humano, tem como principal objetivo analisar o funcionamento das unidades lexicais especializadas em situações comunicativas profissionais, técnicas, académicas ou científicas. A Terminologia é uma ciência recente, se desenvolveu nas escolas de Viena, de Praga, Rússia e Canadá e se espalhou rapidamente pelo mundo. Para Lino (1992), a Terminologia é uma ciência recente que emergiu na segunda metade do século XX impulsionada pelos fatores económicos, sociológicos, culturais e científicos. A evolução do futebol não ficou alheia a estes avanços. A terminologia, segundo Krieger (2001, p. 34) é “compreendida como componente lexical das comunicações especializadas, integra a história da humanidade, constituindo-se em expressão dos saberes técnicos e científicos”. “Falar de terminologia é falar da língua de especialidade. É falar de um ramo da linguística extremamente importante nas áreas especializadas do dia a dia. Enquanto a lexicografia é mais geral, a terminologia é mais específica...” (Timbane, 2013a, p. 147). Nos últimos anos, em Moçambique verifica-se o aparecimento de várias campanhas de massificação do futebol. O futebol possui termos específicos que em muitos casos aparecem nos artigos dos jornais informativos públicos e privados de Moçambique. Esses termos são conhecidos e amplamente empregues pelos amantes e/ou torcedores do futebol.

### Metodologia e análise dos fenómenos

Para a presente pesquisa, colocamos em análise os dois manuais escolares em uso, nomeadamente Macie (2003) e Timbe e Sansão (2003). Elaborou-se um questionário dirigido a 5 professores do ensino médio, sendo

três homens e duas mulheres, tal como ilustra o Quadro 2. As escolas escolhidas são do ensino público, pois entendemos que é na escola pública onde os problemas de maior vulto se verificam. A escolha dos professores obedeceu ao requisito “classe que leciona em 2015”. Sabe-se que outras variáveis (anos de experiência, tipo de formação, etc.) contam muito nos resultados finais, mas optamos por esta delimitação pelo fato de a pesquisa estar em fase de desenvolvimento. Delimitamos a nossa área de pesquisa na zona suburbana pelo fato de que temos mistura de alunos da zona urbana e rural simultaneamente. Num estudo futuro cruzaremos estes resultados com os da zona urbana e rural.

Observa-se, no Quadro 2, que os docentes possuem uma formação superior. Mas em alguns (senão em muitos casos, principalmente nas áreas rurais) temos professores com fraca formação a lecionar o ensino médio. É que muitos professores preferem trabalhar na área urbana deixando a área rural com *déficit* de professores qualificados. O número de alunos por turma já inviabiliza qualquer metodologia aprendida nas escolas de formação, pois é exagerado demais, mas por outro lado, não seria justo deixar-se alunos em casa, pois iriam marginalizar-se perdendo, assim, o seu direito de estudar. Mas o mais importante é observar como os neologismos são tratados em sala de aula no contexto moçambicano. Portanto, nesta seção, vai-se apresentar os resultados de forma qualitativa e, ao mesmo tempo, apresentar-se-ão algumas sugestões metodológicas que podem, de certo modo, melhorar o trabalho realizado em sala de aulas.

No Quadro 2 observa-se ainda que os professores têm mais de 5 turmas. Isso se deve ao fato de que o professor do ensino médio em Moçambique, frequentemente, deve trabalhar 20 horas semanais, o que perfaz 5 turmas. Para obter horas-extra, o professor precisa ter mais de 5 turmas por forma a reforçar o seu salário que é oposto ao custo de vida, ou seja, é inferior ao custo de vida. Apresenta-se no Quadro 2, o nº aproximado de alunos por professor que inicia de 350 para mais adiante. As salas estão superlotadas, situação que não permite um

**Quadro 2.** Dados gerais da amostragem.

**Chart 2.** General sampling data.

Código do professor	Sexo		Formação acadêmica	Escola Secundária	Anos de experiência	Classes que leciona (2015)	Nº de turmas	Nº aprox. de alunos
	M	F						
RAT		X	Licenciatura	Mahlazine	11	11ª e 12ª	5	350
PHK	X		Bacharel	Mahlazine	14	10ª e 11ª	6	390
TUM	X		Licenciando	Liberdade	20	10ª, 11ª e 12ª	5	357
BVTL		X	Licenciatura	Liberdade	8	11ª e 12ª	6	380
TRV	X		Licenciatura	Machava	6	11ª e 12ª	5	345

controle nem um trabalho mais aprofundado, segundo os professores TUM, TRV e PHK.

### O tratamento dos neologismos na aula de português

O Português moçambicano está presente em sala de aula em todos os níveis: lexical, fonético-fonológico, semântico, pragmático, etc. É impossível dissociar a língua da cultura de um povo. Segundo Timbane (2013b), é impossível que um professor que nasceu em Moçambique, que fala português como segunda ou terceira língua, que cresceu e se formou em Moçambique consiga falar português tal como se fala em Lisboa. Muitos professores em Moçambique ainda fingem tentar falar português europeu ou ainda corrigem e reprovam os alunos por causa dos moçambicanismos e ou Português de Moçambique<sup>5</sup>, fato que provoca insucesso escolar em massa. Timbane reforça que “a escola não pode ficar oprimindo, mas sim devia apoiar a diversidade linguística para que o preconceito não prevaleça na nossa sociedade. A escola deve ser o local que propicia e conduz uma reflexão profunda sobre o funcionamento da linguagem” (Timbane, 2013b, p. 113).

O Plano curricular do ensino secundário geral defende um “ensino-aprendizagem orientado para o desenvolvimento de competências para a vida”. Sendo assim, a abordagem de ensino deverá estar orientada para a solução dos problemas da comunidade, através da ligação entre os conteúdos veiculados pelo currículo e a sua aplicação em situações concretas da vida, na família e na comunidade (Moçambique, 2007, p. 16). O ensino de português não pode ficar à margem. Estudos modernos sobre a pedagogia/metodologia em sala de aula já discutem e incentivam os multiletramentos ou melhor, a “pedagogia dos letramentos” porque estes para além de valorizar a variedade da sociedade, também preparam o aluno para a vida. Pode-se citar estudos de Rojo (2012), Kleiman *et al.* (2015) e Soares (2017) como importantes nesta perspectiva, pois estes (a) são interativos e colaborativos; (b) transgridem as relações de poder estabelecidas (quadro, giz) e (c) são fronteiriços porque mexem com linguagens, modos, mídias e culturas (Rojo, 2012). Deve-se integrar as diversas formas comunicativas da nossa sociedade e integrá-los como parte do que Dias (2002) designa por moçambicanismos.

Os dados do questionário nos mostram que os professores preferem o método expositivo na maioria das aulas de português, pelo fato de o número de alunos ser excessivo e não permitir realização de um trabalho individualizado. Os dados mostram que o espaço da sala não permite a circulação para verificar o desenvolvimento

individual dos alunos. Os informantes TUM, BVTL e TRV reclamaram a falta de condições de iluminação no curso noturno, pois algumas salas de aulas possuem duas lâmpadas. Todos os informantes declararam que em nenhum momento os alunos são autorizados a usar alguma LBm, pois isso traria preguiça na aprendizagem do português. Estamos de acordo com fato de que as LBm poderiam ser ensinadas à parte tal como aparecem nos planos curriculares citados ao longo desta pesquisa.

Com relação aos neologismos, somente a professora BVTL é que declarou trabalhar sobre esse tema em sala de aula. Mas a forma de tratar estes neologismos se realiza por meio do levantamento do vocabulário quando se discute um texto. Quando uma determinada unidade lexical não é identificada nas entradas do *Dicionário Integral da Língua Portuguesa* (2008) logo é considerada neológica. Um dos aspectos negativos a remarcar nesta metodologia da informante BVTL é o fato de não orientar aos alunos a verificar em outros dicionários. É que o corpus utilizado para a elaboração do *Dicionário Integral da Língua Portuguesa* (2008) pode não ter sido exaustivo. Segundo lexicólogos, nada nos garante que uma unidade lexical que não apareça em três dicionários seja nova. Existem outros fatores que precisamos ter em conta: a frequência do uso, o sentimento neológico, etc. A atitude de excluir neologismos em sala de aula é reforçada pelos programas de ensino que não preconizam a discussão sobre neologismos e as variedades do português de Moçambique fato que fomenta o preconceito linguístico.

### Análise da metodologia da identificação dos neologismos

Dados colhidos do questionário mostram que na 11<sup>a</sup> e 12<sup>a</sup> classe não há nenhum trabalho relacionado ao estudo de neologismos e ao estudo da variação e mudança linguística. Este aspecto, como dissemos na parte teórica, é resultado do preconceito linguístico herdado no tempo colonial. Existe um preconceito segundo o qual a norma mais correta é a lisboeta, fato que não corresponde à verdade, pois existe uma variedade moçambicana emergente.

Os programas do ensino médio em Moçambique não dão nenhum espaço ao estudo dos neologismos, cabendo a cada professor pela sua criatividade discutir estes aspectos em sala de aula. Não existe nenhuma relação entre o nível de escolaridade do professor e a metodologia adoptada. Predomina a mesma metodologia tanto para professores com grau de licenciatura e bacharelato. O número de alunos por turma provoca outro tipo de problema: o problema do controlo individual dos alunos.

<sup>5</sup> Conjunto de traços gramaticais (nível fonético-fonológico, o nível sintáctico-morfológico, o nível léxico-semântico e o nível pragmático) que ocorrem na variedade moçambicana e que distinguem das outras variedades.

Realmente é penoso trabalhar nessas condições, mas iremos propor algumas estratégias na subseção a seguir.

Constata-se que os professores priorizam a leitura, a interpretação geral do texto (sem enfoque nos possíveis neologismos) e no funcionamento da língua (gramática). Entendemos que a adaptação dos textos originais da literatura moçambicana nos manuais escolares visa camuflar a presença de neologismos e outras construções possíveis no Português de Moçambique. Daí que colocamos a seguir algumas sugestões de trabalho com neologismos.

### **Sugestões do trabalho: a escolha do tema “futebol” e o trabalho com os artigos esportivos**

Numa primeira fase, o professor precisa trazer os conceitos de palavra, léxico, vocabulário e termo como forma de preparar a exploração dos neologismos. Estes conceitos ajudam na compreensão do que se vai fazer nos próximos passos. Após esta parte, pode-se dividir a turma em pequenos grupos de entre 4 no mínimo a 6 alunos no máximo. Cada grupo procura artigos esportivos nos jornais de maior circulação em Moçambique: *Jornal Notícias*, *Jornal Verdade*, *Jornal Savana* e *Jornal Desafio*. Sendo assim, cada grupo irá pesquisar apenas artigos de futebol.

Seria interessante dividir os grupos em períodos. Por exemplo, um grupo trabalha com a década 1980, outro grupo com a década 1990 e assim sucessivamente. Desta forma, o arquivo histórico de Moçambique, as bibliotecas públicas e privadas, assim como o arquivo de alguns jornais, podem ajudar na recolha deste material.

A principal tarefa é de verificar se as palavras existentes nesses artigos esportivos são entradas nos dicionários disponíveis na instituição ou no país. Deve-se sensibilizar aos alunos na procura da resposta a pergunta: por que não aparecem no dicionário? Qual é a frequência de uso na comunicação cotidiana? Este exercício permitirá uma reflexão mais profunda sobre este aspecto levando ao aluno na investigação que leva a concluir que os dicionários (gerais e específicos/terminológicos) não são exaustivos.

Outra atividade possível: os alunos procuram entrevistas feitas com jogares na TV, no jornal, etc. e procuram palavras específicas usadas naquele esporte e fazem listas. Inclui aqui atividade que levam o aluno a refletir que a língua é dinâmica e está sempre em movimento. Palavras vêm, palavras desaparecem ao longo do tempo, palavras ganham novos significados ou ainda passam de uma língua para outra. Esses aspetos podem ser identificados nos jornais, como *corpora* de análises. Ao incentivar a leitura dos jornais e revistas, os alunos ganham o hábito de leitura, espírito crítico e de opinião. Pode-se aproveitar essa ideia para mostrar que a criatividade lexical também ocorre em textos literários. Em obras de Mia Couto, de Paulina Chiziane, de Calane da Silva, de Arune Valy entre outros escritores moçambicanos, é possível identificar vários

neologismos e termos específicos usados em diferentes contextos sociais e do saber.

Depois da listagem das palavras, pode-se guiar os alunos no sentido de despertar um “sentimento neológico”, designados por “candidatos a neologismos”, ainda em grupo e sempre com auxílio do professor recorrendo a um *corpus* de exclusão, ou seja, um conjunto de dicionários, de preferência os mais recentes, para verificar se são de fato neologismos.

Depois, os neologismos são descritos em fichas, chamadas fichas de neologismos. Uma vez que as palavras carregam um sentido semântico atribuído pela sociedade, elas podem ser excluídas no momento da integração no dicionário. Isso aconteceria caso Moçambique tivesse seu próprio dicionário. Esta hesitação na organização e na integração do léxico do português de Moçambique retarda cada vez a afirmação linguística dos moçambicanos. Isso significa que a independência linguística ainda não foi alcançada e daí que muitos moçambicanismos não fazem parte do dicionário português.

Esse aspecto se junta ao que Sablayrolles (2013) designa por “politicamente correto”, pois observa-se que palavras da comunicação cotidiana dos moçambicanos não fazem parte do léxico português. Na área dos transportes de passageiros, Moçambique e os moçambicanos utilizam as palavras “chapa-100 ou chapa” (van), “machimbombo” (ônibus), “bicicleta-taxi” ou *txopela* (moto-taxi), *ten years* (van) e recentemente o *my love* (caminhão de transporte de passageiros). Nenhuma destas unidades lexicais pode ser encontrada nos dicionários portugueses, mas por razões óbvias: não refletem a realidade portuguesa. Nem nos dicionários brasileiros como Houaiss (2009), por exemplo, podemos encontrar os equivalentes, pois os contextos são diferentes. Uma variedade, na verdade, exprime realizações linguísticas geográficas, o que é bom, pois a diversidade linguística faz bem para a comunidade linguística.

### **Metodologia de identificação de neologismos em sala de aula**

Uma vez consolidados os conceitos principais sobre os neologismos, o professor precisa mostrar qual é a forma de identificação das palavras. Para isso, é necessário trazer à ribalta outro conceito importante: o *corpus* de exclusão. Já que precisamos de identificação, é necessário compreender que a entrada de uma unidade lexical no dicionário marca o seu nascimento. É como se a unidade lexical tivesse uma certidão de nascimento. É verdade também que este assunto é discutível no meio de lexicógrafos, pois por vezes não basta o aparecimento no dicionário. Depende, em algumas vezes, do *corpus* utilizado na organização dos dicionários. É verdade também que existem inúmeras palavras que entram na fala cotidiana das comunidades e são usadas por longo tempo e após mais de uma ou duas décadas não aparecem no dicionário.

Daríamos exemplo de *xiconhoca*<sup>6</sup>, *txuna-baby*<sup>7</sup>, *desca-misar*<sup>8</sup>. Devemos prestar atenção no fato de que existe o que chamamos de “sentimento neológico” discutido com pormenor por Sablayrolles (2009, 2013). A partir de um dicionário, orienta-se para os alunos identificar as palavras que não aparecem no dicionário.

### **Elaboração de um minidicionário de termos de esporte em sala de aula**

Dependendo da organização e metodologia do trabalho, o professor e a turma de ensino médio podem construir um dicionário de termos de esportes. Um grupo poderá

**Quadro 3.** Levantamento de neologismos no Jornal *Notícias* (JN).

**Chart 3.** Survey of neologisms in *Notícias* Newspaper (JN).

Neologismos (neónimos) formados por Composição				
Palavras	Tipo de composição	Elementos de composição	Contexto	Significado
afrotaça	justaposição	afro+taça	JN, página esportiva	Campeonato das nações africanas
alvi-negro	aglutinação	alvo+negro	JN, página esportiva	Time do desportivo de Maputo
competição uefeira	justaposição	competição+uefeira	JN, página esportiva	Competições da UEFA
CAN-interno	justaposição	CAN+interno	JN, página esportiva	Campeonato africano de nações (interno).
dezasseisavo-de-final	justaposição	dezasseisavo+final	JN, página esportiva	“Rodadas” no contexto do Português Brasileiro
moçambola	aglutinação	Moçambique+bola	JN, página esportiva	Campeonato moçambicano de futebol (masculino)
Pé-coxinho	justaposição	pé+coxinho	JN, página esportiva	Aquele que chuta as bolas fora do alvo
tomba-gigantes	justaposição	tombar+gigantes	JN, página esportiva	Melhor time
Derivação prefixal				
Palavra	Elementos da derivação		Contexto	Significado no PB
primodivisionário	primo+divisionário		JN, página esportiva	Sem significado
Empréstimos				
Palavras	Origem	Tipo	Contexto	Significado
dopping	Inglês	direto	JN, página esportiva	substância química que se ministra ilicitamente a um atleta, a fim de alterar-lhe por momentos o condicionamento físico.
fair play	Inglês	direto	JN, página esportiva	aceitação serena, elegante, de uma situação difícil ou adversa num jogo

<sup>6</sup> Termo que teve origem, durante o período colonial, na cadeia da Machava (para presos políticos). A história diz que havia um guarda prisional de seu nome “Xico”, que por ser muito mau e ajudar a polícia secreta nas torturas, lhe chamavam *nhoca* (cobra) daí o nome *Xiconhoca*. O sentido semântico desta palavra se estendeu para “aquele que trai a pátria, os companheiros; traidor, inimigo, bandido, mau como as cobras”.

<sup>7</sup> Uma saia curta.

<sup>8</sup> Tirar a camisa.



Quadro 3. Continuação.

Chart 3. Continuation.

Neologismos (neónimos) formados por Composição				
hat-trick	Inglês	direto	JN, página esportiva	O ato de marcar três golos pelo mesmo jogador num mesmo jogo
katas	Bantu (xichangana)	indireto	JN, página esportiva	SE
look	Inglês	direto	JN, página esportiva	Visual
mister	Inglês	direto	JN, página esportiva	Treinador
team	Inglês	direto	JN, página esportiva	Time
Formas Braquigráficas				
Palavra	Forma expandida		Contexto	Significado no PB
Sub-17	Jogadores com idade até 17 anos		JN, página esportiva	Jogadores com idade até 17 anos
Sub-20	Jogadores com idade até 20 anos		JN, página esportiva	Jogadores com idade até 20 anos
Semânticos				
Palavras	Contexto	Significado no PE		Significado no PB
aquecer	JN, página esportiva	tornar (se) quente		Intensificar (se)
locomotiva	JN, página esportiva	máquina a vapor ou elétrica, de motor a diesel		Apelido usado para designar a equipa do ferroviário.
mambas	JN, página esportiva	espécie de cobra		Apelido que designa a seleção/ equipa moçambicana masculina sénior de futebol
tricolor	JN, página esportiva	Relativo ao que tem três cores		designação do time de futebol de Moçambique- Maxaquene
Siglação				
Palavras	Contexto	Significado/forma expandida		
FMF	JN, página esportiva	Federação Moçambicana de Futebol		
HCB	JN, página esportiva	Time da Hidroelétrica de Cabora Bassa		
LAM	JN, página esportiva	Linhas Aéreas de Moçambique relacionado com o time de Maxaquene pelo fato de ser o patrocinador principal		
LMF	JN, página esportiva	Liga Moçambicana de Futebol		
Truncação/truncamento				
Palavra	Forma não truncada	Contexto	Significado no PB	
maxacas	Maxaquene	JN, página esportiva	Uma das equipas de futebol em Moçambique	

Notas: SE = Sem equivalência; PB = Português brasileiro; JN = Jornal *Notícias*.

recolher manualmente termos de futebol, outro grupo com termos de voleibol outro com termos de atletismo e assim por diante. Sempre deve-se recolher os termos partindo de um corpus construído, neste caso, cada grupo trará artigos, manuais e outros textos que falam do seu esporte.

Na base desse material, pode-se construir um minidicionário de termos daquele esporte escolhido. É importante que os alunos escolham os esportes da sua preferência, pois assim poderão estar mais motivados, e as contribuições serão mais ricas. Já num estágio mais avançado, todos os grupos da turma, em conjunto, podem construir um dicionário de esportes, claro, aplicando termos específicos usados por moçambicanos. No caso concreto deste trabalho, numa pesquisa realizada no *Jornal Notícias*, que é de distribuição representativa em Moçambique, identificou-se os seguintes termos neológicos da área de futebol apresentados no Quadro 3.

Um trabalho extensivo aos outros assuntos do jornal (notícias nacionais, internacionais, anúncios classificados, página cultural, de economia, etc) pode permitir um levantamento exaustivo de vários neologismos do português de Moçambique, fato que pode culminar com a elaboração de um dicionário. É claro que este tipo de trabalho pode-se estender à literatura, à música e a outros documentos escritos em Moçambique e por moçambicanos nestes contextos. Os dados do Quadro 3 revelam diferenças dos termos de futebol na variedade do português de Moçambique e dentro da língua portuguesa. Olhando para os equivalentes no Português Brasileiro, nota-se que os termos usados em Moçambique são diferentes dos termos usados no Brasil embora todos pertencessem à área de futebol. Os termos permitem um trabalho importante em sala de aulas. Para um professor atento, é possível aproveitar esses termos para estudar os campos lexicais das diferentes áreas do saber, para além de mostrar como a língua é ao mesmo tempo cultura.

### Considerações finais

O trabalho tinha como objetivo geral conhecer metodologias de trabalho com neologismos em sala de aula do ensino médio em Moçambique, caso este se efetuasse. Na pesquisa, percebeu-se que não há nenhuma metodologia aplicada nas escolas do ensino médio moçambicanas, pois este aspecto não faz parte dos conteúdos programáticos. A hipótese de que os neologismos não eram tidos como relevantes em sala de aula do ensino médio se confirmou, pois a análise revela que são poucos os professores que fazem referência a esta temática em sala de aula e, os poucos que a abordam, o fazem de forma informal e desestruturada, uma vez que o próprio plano curricular elaborado pelo ministério de Educação não inclui a discussão sobre neologismos em geral e particularmente do PM.

Quanto aos objetivos específicos, identificou-se neologismos do futebol no *Jornal Notícias*; analisou-se os manuais de Português em uso no ensino médio;

explicou-se os métodos de trabalho com neologismos em sala de aula do ensino médio; e propôs-se formas de trabalho/pesquisa com os alunos como forma de reduzir o preconceito do uso de neologismos na língua portuguesa, pensamos que foram alcançados, pois o trabalho identificou neologismos que ocorrem na área do futebol de Moçambique; o estudo analisou os dois manuais usados no ensino médio, tendo verificado que não apresentam conteúdos sobre neologismos, o que permitiu também a confirmação da nossa hipótese. Propôs-se um método de análise de neologismos em sala de aula de Português, assim como algumas estratégias que podem auxiliar na redução do preconceito contra a variedade de Português que apresenta a ocorrência de moçambicanismos.

Voltando aos questionamentos iniciais, sublinha-se que os professores das escolas analisadas não dão valor aos neologismos em sala de aula, embora estes fenômenos sejam frequentes. Segundo professores questionados, os alunos conhecem os termos do futebol, pois estes fazem parte do seu dia a dia e não precisam de consultar nenhum dicionário. O grande problema pode surgir caso a palavra não seja de nenhuma LBm. No caso, os professores costumam dar a definição completa e, no caso de impasse, dão exemplo ilustrativo até se chegar ao conceito.

Os neologismos não podem ser identificados pelo dicionário apenas. O sentimento neológico pode determinar. A palavra *xiconhoca* está no vocabulário dos moçambicanos desde a era colonial. Não pode ser considerada nova devido a sua integração no dicionário. É importante referir também que a partir do momento que a unidade lexical entra no dicionário deixa de ser nova. A hipótese de que os neologismos estragam a língua não é verdadeira, pois todas as línguas do mundo tiveram historicamente esse fenômeno e, ao como se sabe, é através da criação neológica que as línguas se renovam e se enriquecem. A língua não é uma obra acabada. Ela depende da dinâmica social, dos contextos sociolinguísticos e históricos.

A língua não é um conglomerado de elementos heterogêneos, quer dizer, é um sistema articulado, onde tudo está ligado, onde tudo é solidário e onde cada elemento tira seu valor de sua posição estrutural. A língua sofre mudanças ao decorrer do tempo, por isso não deve ser estudada como uma coisa morta, sem levar em consideração as pessoas que as falam. É justo falar da terminologia do futebol, porque as variedades da língua portuguesa são mais visíveis a cada dia. O professor moçambicano tem uma infinita possibilidade de meios disponíveis, mas falta a criatividade e acesso aos debates atualizados sobre o ensino. Os estudos de Castro e Gomes Batista (2015), por exemplo, mostram como se pode a proveitar do telejornal para fins de ensino de língua. Os autores mostram o modo de usar, os passar a ser dados e os caminhos a ser percorridos para uma exploração continua do material. O ensino não pode ficar à margem da evolução linguística. Isso significa que os manuais escolares, os planos de ensino devem incluir

as questões inerentes à variação e mudança linguística incluindo questões ligadas ao preconceito linguístico.

Nesta pesquisa, fez-se um estudo sobre o ensino do português no ensino médio em Moçambique com especial atenção ao estudo dos neologismos. Identificou-se alguns neologismos do futebol no Jornal *Notícias* e fez-se uma análise crítica dos manuais de Português em uso no ensino médio. O governo devia assumir a responsabilidade de ampliar as instituições do ensino médio para reduzir o número dos alunos por turma e apresentar um ensino de qualidade. O artigo termina com sugestões metodológico-pedagógicas de trabalho com neologismos na aula de português.

## Referências

- ABDULA, R.A.M. 2013. O ensino das línguas nacionais como solução para o processo de alfabetização em Moçambique. *Revista de Letras Dom Alberto*, 1(3.2):219-232. Disponível em: <http://domalberto.ning.com/page/rlda-03-artigos>. Acesso em: 25/05/2017.
- ALVES, I. M. 2007. *Neologismo: criação lexical*. 3ª ed., São Paulo, Ática, 96 p.
- BÉRARD, E. 1991. *L'Approche communicative: théorie et pratiques*. Paris, CLÉ International, 126 p.
- BOULANGER, J.-C. 2008. Chronologie raisonnée des bibliographies de la néologie précédée de quelques miscellanées. *Neologica: revue internationale de néologie*, 2:185-200.
- CABRÉ, M.T. 1993. *La Terminología: teoria, metodologia, aplicaciones*. Barcelona, Antártida, 369 p.
- CASTRO, F.C.; GOMES BATISTA, A.A. 2015. O telejornal na escola: elementos para seu uso em sala de aula. In: C. BUNZEN; M. MENDONÇA (org.), *Múltiplas linguagens para o ensino médio*. São Paulo, Parábola, p. 161-175.
- CORREIA, M.; ALMEIDA BARCELLOS, G.M. 2012. *Neologia em Português*. São Paulo, Parábola, 111 p.
- DIAS, H. 2002. *Minidicionário de moçambicanismos*. Maputo, Imprensa Universitária, 205 p.
- DICIONÁRIO INTEGRAL DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2008. 3ª ed., Maputo, Texto editores.
- GOMES, M.L. de C. 2011. *Metodologia do ensino de língua portuguesa*. 2ª ed., Curitiba, IBPEX, 174 p.
- HOUAISS, A. 2009. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 1986 p.
- JORNAL NOTÍCIAS. 2010. Disponível em: [www.jornalnoticias.co.mz](http://www.jornalnoticias.co.mz).
- KLEIMAN, A.B.; CENICEROS, R.C.; TINOCO, G.A. 2015. Projetos de letramento no ensino médio. In: C. BUNZEN; M. MENDONÇA (org.), *Múltiplas linguagens para o ensino médio*. São Paulo, Parábola, p. 69-83.
- KRIEGER, M. da G. 2001. Sobre terminologia e seus objetos. In: M. da G. KRIEGER; A.M.B. MACIEL (org.), *Temas de terminologia*. 1ª ed., São Paulo, Humanitas, p. 34-38.
- LINO, M.T.R. 1992. Terminologia do Turismo. *Associação de Terminologia Portuguesa: Terminologias*, 5(6):42-60.
- MACIE, F. 2003. *Português: 11ª classe*. 1ª ed., Maputo, Pearson Moçambique, 203 p.
- MENDES, I. 2000. *O Léxico no Português de Moçambique: aspectos neológicos e terminológicos*. Maputo, PROMÉDIA, 182 p.
- MENESES, L.J.J.M. 2013. *O Ensino Bilingue em Moçambique: entre a casa e a escola*. Salvador, BA. Tese de Doutorado. Universidade da Bahia, 240 p.
- MOÇAMBIQUE. 2004. *Constituição da República de Moçambique*. Maputo, Imprensa Nacional, 95 p.
- MOÇAMBIQUE. 2009. *Estratégia do ensino secundário geral 2009-2015*. Maputo, MEC, 105 p.
- MOÇAMBIQUE. 2007. *Plano curricular do ensino secundário geral*. Ministério da Educação e Cultura. Maputo, Imprensa Universitária/UEM, 55 p.
- MOÇAMBIQUE. 2011. *Relatório de avaliação do ensino primário e secundário*. Maputo, MEC, vol. 2, 120 p.
- NGUNGA, A.; NHONGO, N.; MOISES, L. 2010. *Educação bilingue na Província de Gaza: avaliação de um modelo de ensino*. Maputo, CEA/UEM, 152 p.
- NGUNGA, A.; BAVO, N. 2011. *Práticas linguísticas em Moçambique: avaliação da vitalidade linguística em seis distritos*. Maputo, UEM, 75 p.
- OLIVEIRA, H. F. de. 2011. Neologismos, políticas da língua e produção de textos. In: A.C. VALENTE; M.T.G. PEREIRA (org.), *Língua portuguesa: descrição e ensino*. São Paulo, Parábola, p. 167-182.
- PALMA, D.V.; TURAZZA, J.S. 2014. Educação linguística: reinterpretação do ensino-aprendizagem por novas práticas pedagógicas. In: D.V. PALMA; J.S. TURAZZA (org.), *Educação linguística e o ensino da língua portuguesa: algumas questões fundamentais*. São Paulo, Terracota, p. 23-61.
- PATEL, S. 2006. *Olhares sobre a educação bilingue e seus professor numa região de Moçambique*. Campinas, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 121 p.
- PATEL, S.; CAVALCANTI, M.C. 2013. O caso do português em Moçambique: unidade nacional com base em educação bilingue e intercompreensão. In: L.P. MOITA LOPES (org.), *Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo, Parábola, p. 274-296.
- ROJO, R. 2012. Pedagogia dos letramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: R. ROJO; E. MOURA (org.), *Multiletramentos na escola*. São Paulo, Parábola, p. 11-32.
- SABLAYROLLES, J.-F. 2009. Néologie et classes d'objet. *Neologica*, 3:25-36.
- SABLAYROLLES, J.-F. 2013. Le sentiment néologique: une compétence qui s'acquiert et s'affine. In: I.M. ALVES (org.), *Estudos lexicais em diferentes perspectivas*. São Paulo, FFLCH/USP, vol. 3, p. 6-20.
- SELBACH, S.; TURELLA, C.E.; ROSSI, D.; PANIZ, D.; CAREGNAT, L.; PERUZZO, M.D.; MENEGHEL, R.; MARCHETT, V.T. 2013. *Língua portuguesa e didática*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 166 p.
- SITOE, B. 2015. Línguas moçambicanas, como estamos? In: C. SERRA (org.), *Estão as línguas nacionais em perigo? Cadernos de Ciências Sociais*. Maputo, Escolar Editora, p. 35-75.
- SOARES, M. 2017. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Contexto.
- TIMBANE, A.A. 2012. O léxico nas crônicas de Arune Valy: uma identidade da moçambicanidade. *Revista Língua & Literatura*, 14(23):25-51. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalingualiteratura/article/view/384/1242>. Acesso em: 25/05/2017.
- TIMBANE, A.A. 2013a. A variação terminológica dos termos de futebol moçambicano. In: C. de A.A. MURAKAWA; O.L. NADIN (org.), *Terminologia: uma ciência interdisciplinar*. São Paulo, Cultura, p. 145-165.
- TIMBANE, A.A. 2013b. *A variação e a mudança lexical da língua portuguesa em Moçambique*. Araraquara, SP. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 318 p.
- TIMBANE, A.A. 2013c. O português moçambicano: um olhar sobre os neologismos na obra de Mia Couto "Terra sonâmbula". *WebRevista Sociodiaeto*, 4(11):323-350. Disponível em: <http://www.sociodiaeto.com.br/edicoes/16/10012014015200.pdf>. Acesso em: 25/05/2017.
- TIMBANE, A.A. 2015. A complexidade do ensino em contexto multilíngue em Moçambique: políticas, problemas e soluções. *Calidoscópico*, 13(1):92-103. <https://doi.org/10.4013/cld.2015.131.09>
- TIMBE, I.; SANSÃO, N. 2003. *Português: 12ª classe*. 1ª ed., Maputo, Longman.
- TURAZZA, J.S. 1993. Estratégias para o ensino de coerência textual. *Língua D'Água*, 8:47-59.

Submetido: 05/08/2016  
Aceito: 26/04/2017